



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JULIANA DA SILVA VELEZ ARAUJO

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE LIMITES E REGRAS NA
EDUCAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

JULIANA DA SILVA VELEZ ARAUJO

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE LIMITES E REGRAS NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso(Artigo)
apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia

Orientadora: Profa. Dr^a. Tatiana Cristina Vasconcelos.

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663r Araujo, Juliana da Silva Velez.

Reflexões sobre a construção de limites e regras na educação [manuscrito] / Juliana da Silva Velez Araujo. - 2021.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação. 2. Regras da educação. 3. Construção de limites. 4. Indisciplina. I. Título

21. ed. CDD 370

JULIANA DA SILVA VELEZ ARAUJO

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE LIMITES E REGRAS NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, apresentado como
requisito parcial à obtenção do título
de licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia

Aprovada em: 14/07/2021.

BANCA EXAMINADORA

Tatiana Cristina Vasconcelos

Prof. Dr^a. Tatiana Cristina Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Glória Maria Leitão de Souza Melo

Prof^a. Dr^a. Glória Maria Leitão de Souza Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro

Prof. Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	EDUCAÇÃO E SUPERPROTEÇÃO: O PAPEL DE PAIS E PROFESSORES.....	6
3	LIMITES E REGRAS NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A MEDIAÇÃO DO LÚDICO.....	12
3.1	Construindo limites e regras através de jogos e brincadeiras....	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
	REFERÊNCIAS	17

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE LIMITES E REGRAS NA EDUCAÇÃO

Juliana da Silva Velez Araujo ¹

RESUMO

Nos dias atuais, um dos grandes desafios que têm ocasionado inquietações entre pais e professores no tocante a educação, refere-se a aplicação de limites. O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância dos limites no contexto escolar, discutindo acerca das regras e de como elas auxiliam na prática do professor em sala de aula. Tendo em vista que a indisciplina é um dos maiores desafios encontrados nas escolas, buscamos compreender as diversas esferas que podem interferir e causar esse fator nas crianças, já que é na Educação Infantil que as crianças aprendem valores e princípios que levarão para toda a vida. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica a partir de artigos e livros que discutem a temática em questão. Conclui-se através desse estudo que aprender a respeitar regras e estabelecer limites é imprescindível para auxiliar o indivíduo a exercer sua cidadania e respeito ao próximo. Para além disto, defende-se que na imposição de limites pode-se obter mais êxito quando se opta pela autoridade, ao invés do autoritarismo.

Palavras-chave: Indisciplina; Regras; Limites.

REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF LIMITS AND RULES IN EDUCATION

ABSTRACT

Nowadays, one of the great challenges that have caused uneasiness among parents and teachers regarding education refers to the application of limits. This paper aims to analyze the importance of limits in the school context, discussing the rules and how they help the teacher's practice in the classroom. Considering that indiscipline is one of the biggest challenges found in schools, we seek to understand the various spheres that may interfere and cause this factor in children, since it is in early childhood education that children learn values and principles that they will carry with them for life. The methodology adopted was a bibliographic review based on articles and books that discuss the theme in question. This study concludes that learning to respect rules and establish limits is essential to help individuals exercise their citizenship and respect for others. Furthermore, it is argued that when imposing limits, one can be more successful when authority is chosen, instead of authoritarianism.

Keywords: Indiscipline, Rules, Limits.

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina e a construção de regras e limites são fenômenos que permitem várias definições e várias leituras. Consideramos, portanto, a indisciplina como um fenômeno multidimensional e multicausal, ligado a uma causalidade complexa e não singular e linear. Buscaremos tratar, neste trabalho, sobre a importância da educação escolar e dos pais no processo de ensinar regras e limites.

O tema indisciplina se apresenta como um dos maiores obstáculos que enfrentam as escolas na sociedade contemporânea, provocando grande angústia nos professores que não sabem mais como lidar com a situação. De acordo com ParratDayan (2008), os conflitos em sala de aula caracterizam-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites como, por exemplo: falar durante as aulas o tempo todo, não levar material necessário, ficar em pé, interromper o professor, gritar, andar pela sala, jogar papezinhos nos colegas e no professor, dentre outras atitudes que impedem os docentes de ministrar aulas mais qualidade.

Paggi e Guareschi (2004) descrevem a queda da autoridade parental e a prevalência de relações mais permissivas entre adultos e crianças, como um dos fatores que estão na base das questões da falta de limites, que aparecem como um problema recorrente nas práticas educativas atuais. Consideramos que a indisciplina se insere num quadro da dinâmica da relação pedagógica, só raramente sendo indicador de qualquer patologia comportamental. Assim, pais e professores possuem um papel crucial no processo de aprendizagem de regras e limites desde a Educação Infantil.

Há todo um conjunto considerável de trabalhos de investigação que têm posto em relevo os ganhos, para os alunos, da colaboração entre pais e professores. Colaboração nem sempre fácil, dadas as desconfianças mútuas, os estereótipos negativos de uns e outros, as lutas de poder e influência, tantas vezes inconscientes.

Quando uma criança passa a ir à escola, saindo do seu primeiro grupo social que é a família, ela passa a vivenciar e a visualizar novas regras e comportamentos adequados para o local em questão. Quando não ocorre a assimilação ou o não cumprimento dessas regras, os professores envolvidos sofrem por buscarem estratégias que na maioria das vezes falham, tentam buscar soluções que possam facilitar o processo de aprendizado.

Internalizar regras e limites é um desafio que pode ser enfrenado em busca da prevenção da indisciplina por meio da parceria família e escola. O diálogo entre estas instituições educativas pode contribuir para diminuir a descontinuidade entre os valores e práticas educativas familiares e escolares, sobretudo no que diz respeito a conceitos de autoridade, disciplina familiar e escolar, promoção do auto-conceito positivo, atribuição progressiva de responsabilidades às crianças, aumento de aspirações escolares (RAPOSO, 2012).

Partindo de vivências em sala de aula buscamos compreender os motivos e como lidar com a constante indisciplina vivida no cotidiano escolar. Sendo esse um dos maiores obstáculos encontrado pelos professores na sua prática. A respeito Rego (1996, p. 85) expõe que a indisciplina é compreendida como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora, manifestada por um indivíduo ou um grupo.

Segundo Aquino, "O conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal (1999)". Ele se relaciona com o

conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade. Assim, surgiram alguns questionamentos, tais como: qual a importância da construção de regras e limites para o desenvolvimento infantil?

A escolha dessa problemática foi feita a partir de vivências em estágios no curso de graduação em Pedagogia, onde nos deparamos com situações bem diferentes da nossa realidade. Por meio dessas experiências, constatamos que os problemas relacionados às regras e aos limites do contexto educativo são mais recorrentes do que imaginávamos. Nesse contexto, defendemos que os jogos e brincadeiras são estratégias para promoção de um cidadão que respeite as regras e compreenda a importância dos limites na vida em sociedade.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância dos limites no contexto escolar, discutindo acerca das regras e de como elas auxiliam na prática do professor em sala de aula. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica.

Andrade (2010, p. 25).

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

O trabalho está organizado em cinco tópicos, o primeiro debate acerca da Educação e da superproteção: o papel de pais e professores, o segundo é sobre Educação e formação integral, o terceiro mostra as consequências e implicações da Superproteção, o quarto tópico conceitua limites e regras no contexto do desenvolvimento infantil e por fim, o último aborda a construção dos limites e regras através de jogos e brincadeiras.

2 EDUCAÇÃO E SUPERPROTEÇÃO: O PAPEL DE PAIS E PROFESSORES

Questões sociais importantes como a industrialização e a busca em aumentar a renda das famílias estão levando pais e mães de famílias a aumentarem suas cargas horárias de trabalho, acarretando numa exaustão e na falta de tempo com seus filhos, problema que está trazendo consequências sérias, pois está mudando drasticamente as configurações familiares, as relações entre pais e filhos e as práticas educacionais. O que antes servia como parâmetro para guiar esses pais hoje já não serve mais.

Essas novas exigências demandam independência, competitividade e iniciativa das crianças que ainda não sabem lidar com isso sozinha, o que solicita ainda mais práticas educativas democráticas e diferenciadas para auxiliar nesse processo.

A Educação é o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana. Para Freire

(1983) educar é uma prática construtora do humano, no homem e na mulher. É humanizar e constitui-se em um que-fazer social-político-antropológico-ético.

A riqueza da concepção freireana de educação está contida na afirmação de que os humanos se educam em comunhão mediados por determinado objeto de conhecimento, particularmente, a realidade vivida. Refletir a respeito da educação, consiste em pensar, refletir o ser humano, pois nele reside o fundamento do processo educativo.

Educação e humanização são termos indicotomizáveis, pois educar, em síntese, objetiva formar e “trans-formar” seres humanos, valorizando processos de mudança dos sujeitos, atualizando suas potencialidades, tornando-os humanos. Segundo Freire (1992), a educação não é neutra, pois:

...não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade (FREIRE, 1992, p. 78).

Educar é um processo que é totalmente inerente ao ser humano, acontece de forma simultânea ensinando e aprendendo, quando o indivíduo está se ajustando em determinado ciclo isso implica dizer que ele está passando por um processo de educação, é passada de geração em geração, na maioria das vezes tem o intuito de preparar as pessoas para viver em sociedade, não seguindo um único modelo ou parâmetro (ALVES, 2006)

Educamo-nos, obviamente, na relação, na interação, no convívio com outros seres humanos. E é nesse processo que aprendemos a ser gente, porque convivemos com gente. Educar, para Freire (1983), é “construir gente”, humanizar os humanos na luta em denunciar e superar os elementos desumanizadores.

Por ser um processo que não se dissocia do ser humano que Paulo Freire (1983) defende uma educação humanizada pautada pelas vivências do meio em que estão inseridas. Uma educação que promova dignidade das pessoas, auxiliando o desenvolvimento de processos humanos que sejam capazes de se reinventar, reconstruir e se desenvolverem constantemente, pois somos seres inacabados.

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos. Para permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 2006, p. 45).

É um processo complexo e ao mesmo tempo simples que leva tempo. Desde que nascemos estamos em constante aprendizado, enquanto estivermos vivos temos sempre o que aprender. Desde muito pequenos somos educados por aqueles que nos rodeiam, aprendemos por meio de experiências sejam elas de acertos ou de erros, das convivências com o outro.

Hoje o processo de educação está bem mais complexo, o que era antes um ato de ensinar e aprender hoje se tornou um processo responsável de desenvolver as capacidades física, cognitiva e moral.

Ela pode ser formal em que são criadas situações para exercitar o que é ensinado, com hora marcada para ocorrer, contando com pessoas especializadas

para nortear esse processo, ocorrendo em sistemas específicos de ensino as escolas. E também temos a educação informal que é um processo contínuo, através dele acumulamos conhecimento por meio das experiências vividas nas nossas casas, igrejas e em outros meios sociais (CHASSOT, 2003).

É por meio da educação que podemos adquirir novas oportunidades para quem tem acesso a ela, possibilitando aos indivíduos menos favorecidos almejem outros âmbitos.

É através do que é repassada pelos mais velhos que podemos nos constituir como seres humanos éticos e coerentes, inseridos no meio que vivemos, nos tornando pessoas conscientes e responsáveis, é em casa no meio familiar que as crianças precisam aprender valores básicos para o desenvolvimento correto, tornando seres humanos autônomos, livres e inteligentes.

O ser humano, para Freire (1983), é um ser inacabado e, consciente disso, aspira “Ser Mais”. E por ser incompleto, procura se aprimorar por meio da educação, pois “Educar é substancialmente formar” (FREIRE, 1996, p. 32).

O que era para ser aprendido em casa está sendo transferido para escola, que além da vastidão de conteúdos que precisam ser ministrados, a escola acaba recebendo a tarefa de tentar suprir os anseios de crianças com lacunas enormes pela falta de educação seja por meio dos pais por estarem muito ocupados, com agendas cada vez mais cheia de atividades, que não encontram tempo para auxiliar os filhos em atividades simples que são incumbidas às famílias.

As crianças necessitam de orientação até para coisas mais simples como hora de comer, de tomar banho, de dormir, de estudar, do que pode ou não fazer, do que é perigoso ou não, coisas que aos nossos olhos são extremamente simples para uma criança pode ser uma tarefa de total intervenção de um adulto, para que elas aprendam desde cedo a tratar os problemas para não se tornarem adultos com descontrole emocional, causando ataques de raiva, desrespeitando os pais, familiares e autoridades em geral.

Tentando suprir essa ausência os pais buscam satisfazer a vontade de seus filhos dando brinquedos, aparelhos eletrônicos para diminuir essa distância, permitindo tudo que as crianças desejam, impedimos que as crianças conheçam o que é certo e errado que aprendam a lidar com as frustrações que aconteceram em toda a vida que amadureçam e se transformem em pessoas de verdade. Confundindo uma tarefa essencial na vida de cada um, que é a educação com a superproteção (SHAFFER, 2005).

As famílias que reforçam essa educação superprotetora na maioria das vezes não percebem que estão prejudicando a autoestima e o desenvolvimento dessas crianças. Borges (2005) observa que os pais vivem em um estado mental de ligação e preocupação com os filhos, permeado de aflição e angústia, diante da responsabilidade e do medo de errar. Acreditando assim que quando dão tudo que as crianças querem atendem ao que elas precisam deixando que as crianças aprendam medidas básicas de frustração.

Quando ocorre essa criação com cuidados excessivos, Souza e Benício (2019) afirmam que há dificuldade, em alguns momentos, por parte das mães, em promover autonomia para os filhos, influenciando negativamente o amadurecimento da criança e interferindo em diversas esferas: emocional, psicológica, social e psicomotora.

As autoras Pietro e Jaeger (2008, p.225) analisaram a obra de Freud (1980) acerca da severidade da educação durante a infância e sobre como as famílias mais rigorosas interferem de maneira nociva na criação da prole “caso o ambiente familiar

seja baseado na superproteção, a criança desenvolverá uma personalidade egoísta e narcisista”.

Com a intenção de fazer com que as crianças gostem dos pais, os responsáveis tendem a ignorar regras e leis que são fundamentais para o desenvolvimento e construção do sujeito, permitindo que as crianças ditam suas próprias regras, no qual por muitas vezes, pautados pela própria infância, tentam proporcionar sonhos e vivências que os mesmos não tiveram, causando nas crianças uma enorme insegurança ou até mesmo o medo de perder apoio e aprovação dos familiares e amigos (ALVES, 2006).

Com a quantidade de informações que temos se faz necessário repensar a educação, pois precisamos entender que a criança não necessita apenas de um conhecimento transmitido na escola, é preciso pensar que a educação não é apenas um repassar de conteúdo, mas sim nortear o desenvolvimento pessoal do indivíduo como um todo.

A evolução dos aspectos físico, social, emocional e cultural precisa ser aplicada em todas as instâncias do desenvolvimento, não apenas em sala de aula, a escola precisa compreender o seu papel no desenvolvimento dos alunos, indo muito além da administração de conteúdo (FREIRE, 1980).

Isso significa que a aprendizagem não deve acontecer apenas em sala de aula, mas também em espaços e situações fora dela. Para isso, é preciso que a escola ofereça diferentes experiências que possibilitem aos alunos trabalhar diversas habilidades.

Os seres humanos não podem ser desmembrados para receberem determinados conteúdos, eles podem receber de formas isoladas mais com espaço que proporcionem a análise das partes para assim entender o significado da sua totalidade. Tal como afirma Freire (2001, p. 96):

Está faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada.

A educação precisa ser formadora da mesma maneira que é capaz de despertar no ser humano a imaginação e os ideais de uma vida digna que se recusa a ser só reprodutora do que já é existente.

São nas experiências sociais, em conjunto com o desenvolvimento cognitivo, que se possibilita à criança uma melhor compreensão acerca de normas, regras e leis. Algo a ser consolidado na medida em que a compreensão sobre o mundo evolui, numa sequência lógica, em estágios de desenvolvimento da moral, repercutindo numa percepção cada vez mais avançada ou madura sobre os dilemas sociais que se apresentam em comunidade.

De acordo com Piaget (1994), o desenvolvimento moral requer a interpenetração de espíritos e a relação entre eles, ou seja, as relações que se estabelecem de modo recíproco e igualitário, em que o respeito venha em mão dupla, em clima de colaboração. Para ele as crianças em fase de educação infantil passam por um momento nos estágios iniciais de seu desenvolvimento que é

caracterizado pelo egocentrismo, como se essas representassem o centro de todas as atenções e tudo acontecesse para elas.

Nesse período da vida, a criança compreende suas obrigações e responsabilidades por meio de conversas mais precisas e pontuais na sua relação com a família e meio social em que está inserida, já que ela não tem uma compreensão nata de regras ou limites. As crianças acabam por aprender o que é certo e errado, em primeiro momento, pela obrigação, porém as razões de algo estar certo ou não já precisam ser suscitadas pelo o adulto que intervêm (PEREIRA E MORAIS, 2018).

Quando ingressa na Educação Infantil, a criança se depara com uma nova realidade na qual passa seu tempo basicamente em dois universos, a escola e a família, o que por sua vez amplia o número de interlocutores, ampliando os contingentes e aumentando a variedade de exigências impostas pelo meio social. Isso faz com que novas habilidades sejam requeridas do indivíduo, no sentido de melhorar suas relações interpessoais. Silva (2006) aponta que essa nova realidade pode fazer com que surjam novos conflitos para as crianças, que caso se sintam incapazes de lidar com eles, normalmente partirão para a agressividade.

A ausência de limites está causando inúmeros transtornos junto a sociedade escolar, no mundo atual onde a busca incessante de informações, a necessidade de cada vez mais estar atualizado deixa cada vez mais distantes dos seus filhos. Se tornando talvez pela falta de tempo com próprio filho ou pela facilidade de dizer sim ao invés de dizer não. Para Piaget (2004, p.298)

As relações de respeito unilateral e de coação, que se estabelecem espontaneamente entre o adulto e a criança, contribuem para a constituição de um primeiro tipo de controle lógico e moral [...] Do ponto de vista intelectual, o respeito que a criança tem pelo adulto tem por efeito provocar o aparecimento de uma concepção anunciadora da noção de verdade: o pensamento deixa de afirmar simplesmente o que lhe agrada para se conformar com a opinião do ambiente.

Dependendo da forma que os pais falam a criança tende a obedecer ou não obedecer, pois sabem que não irão ser punidas, muitas vezes o não é tido como sim pela falta de firmeza dos pais.

Pouco tempo atrás, os pais eram mais exigentes com as regras, elas eram impostas não discutidas, os pais eram mais seguros de si, as vezes usando da força física ou pela intimidação. No contexto atual os pais têm muitas informações e poucas soluções das formas corretas de educar os seus filhos com medo das consequências que suas atitudes podem trazer. Platão afirma:

Falo da educação das crianças na virtude, que desperta na criança o desejo e o amor de se tornar um cidadão perfeito e saber comandar com justiça e obedecer à justiça. Somente esta é a educação, enquanto a outra, que visa ao dinheiro ou à força física, ou a qualquer outra habilidade sem intelecto e justiça, é coisa vulgar e servil e absolutamente indigna de ser chamada de educação. (Platão 1980, p. 643-644^a).

Estão confundindo o excesso de proteção com amor, por não compreender as consequências que isso pode trazer para a vida dos filhos, a dependência exagerada dos pais pode causar vários danos, atraso no desenvolvimento, fazendo com que as crianças tenham dificuldades de realizar tarefas simples como comer, tomar banho, e se vestir, causam dependência emocional, as crianças ficam com

dificuldades de tomar suas próprias decisões, preferem se isolar do que vivem em grupo, por demonstrar em atitudes controladoras, sérios problemas em lidar com frustrações sempre querendo tudo ao seu tempo e ao seu modo.

Embora a voz de autoridade deva ser forte, isso não significa que ela deve ser em tom alto, como se o pai estivesse gritando, ela precisa impor respeito, mas nunca causar medo, necessita ser clara, sem ser agressiva, deve sempre impor uma condição, mas dando ao mesmo tempo subsídios para que ela seja cumprida, precisa ser firme, porém carregada de muito amor (POLI, 2006, p. 103).

Não é sendo totalmente exigente que os pais vão conseguir uma educação plena, nem muito menos sendo permissivos o tempo todo, eles precisam encontrar um meio termo entre o sim e o não, entre a liberdade e a rigidez. E quando for falado o não deve ser feito de forma clara e segura, para que a criança sinta firmeza nas palavras dos responsáveis, para que não haja espaço para dúvidas.

Outro ponto chave desse dilema que é a educação e da superproteção é a necessidade dos pais seguirem a mesma linha de raciocínio e afirmação para que essa criança não ache lacunas e vá buscar sempre o apoio e a liberação por aquele que é mais permissivo, o que a deixa sempre mais livre, dividindo a responsabilidade de dizer não, por exemplo. Para Poli (2006, p. 42):

Assumir a responsabilidade pela educação de seus filhos é tomar consciência da necessidade de estar mais presente na vida deles e de lhes dar mais atenção. É saber que ser justo e coerente em suas atitudes faz uma grande diferença, que é fundamental informar-se sobre como conduzir corretamente o funcionamento do dia-a-dia em sua casa e cuidar para que o relacionamento entre todos – pai, mãe, filhos e irmão - seja saudável e construtivo (POLI, 2006, p. 42).

Quando duas pessoas resolvem formar uma família e decidem assumir a tarefa de educar seus filhos, eles precisam trocar ideias e discutir juntos como resolver problemas para enfrentá-los da melhor maneira possível. Não é desautorizando o outro que resolve o problema. Educar um filho é uma das tarefas mais difíceis, tendo em vista que, na maioria das vezes, os pais na tentativa de agradar seus filhos, cedem em determinados momentos que se requer um posicionamento mais firme. Conforme afirma Silva (2011), para que as crianças cresçam emocionalmente saudáveis:

[...] O limite é crucial para a formação da criança, pois é através dele que ela encontrará equilíbrio emocional, poderão administrar seus conflitos, seus desejos, seus medos (SILVA, 2011, p. 61).

Transformar as crianças em cidadãos, em pessoas boas e honestas, íntegras e saudáveis fisicamente, intelectualmente e psicologicamente é uma missão no qual nos levará a orgulharmo-nos no futuro, todavia este é um processo árduo, difícil e que deve ser executado pela família e escola. E esse processo não necessita se imposto, ele pode fluir assim como as outras interações da criança, por meio de brincadeiras, jogos, dinâmicas.

3 LIMITES E REGRAS NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A MEDIAÇÃO DO LÚDICO

O estabelecimento de limites é, nos dias de hoje, uma das mais inquietantes questões discutidas por profissionais da área da educação e do desenvolvimento infantil. La Taille (1999) observa que, com frequência, limite é um termo associado à obediência, ao respeito, à retidão moral e à cidadania. Para ele, a palavra sugere, de um lado, fronteira, delimitação entre territórios e, de outro, a possibilidade de transpor e ir além.

O autor salienta três dimensões da palavra limites: transpor limites para alcançar a maturidade, respeitá-los em favor da moralidade e, por último, a ideia de construir limites que permitam a preservação da intimidade.

No campo da educação, o termo é usado no sentido usual e restritivo e trata daquilo que é permitido ou proibido, em prol da moralidade. As regras são formas de portar-se em todos os espaços, expõem o que devemos fazer para lidar bem com as outras pessoas, tornando-se essencial para o funcionamento de todas as organizações. Elas são como uma estrutura invisível que ajuda a manter o funcionamento da melhor forma possível.

As mais importantes regras da sociedade são chamadas de leis, mais em conjunto com elas foram criadas ao passar dos tempos estatutos que nada mais são que regras internas criadas por organizações e instituições como universidades, escolas, igrejas, empresas e partidos políticos. Mais nem todas são postas de forma clara e evidente (COSTA, 2002).

As regras de conduta e comportamento, por exemplo, não são leis criadas formalmente e nem muito menos estão postas de forma nítida, mas nem por isso deixam de ser importantes e necessárias. Elas partem de princípios básicos e essenciais como a cooperação (GOMIDE, 2008).

O primeiro local em que aprendemos a conviver e nos relacionar por meio de regras é no âmbito familiar, onde há uma preparação para que as crianças se adaptem na sociedade. Cada família possui os seus princípios de acordo com os valores, rotinas e crenças que seguem, mas para que as crianças não sofram ao serem introduzidas em outros ambientes se faz necessário explicá-las de modo claro e objetivo, sendo sempre coerentes, constantes, firmes e consequentes independentes de onde estejam.

O ser humano se constrói em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia. É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros (ME, 1997, p. 55).

A falta da aplicação da forma concreta dessas regras tem representado uma das maiores desafios no segundo meio social que geralmente as crianças são inseridas a escola, principalmente nos dias de hoje, onde as crianças e jovens tem acesso o tempo inteiro a um mundo diverso de possibilidades onde a escola precisa se reinventar constantemente para levar essas crianças a prestarem atenção e se concentrarem no que lhe é proposto, sendo um gigantesco obstáculo para ser enfrentado por todo o corpo docente da escola.

Alves (2006) afirma que a prática educacional, como toda e qualquer prática, desencadeia uma série de questões e, especificamente quando se trata de assuntos

ligados à indisciplina, levanta obstáculos que instigam com frequência os profissionais envolvidos no processo educativo.

Pereira e Morais (2018) defendem em seu estudo que o perfil lúdico das aulas de Educação Física requer que se trabalhe com regras e se proponha a construção de limites. A aprendizagem dessas regras faz com que os alunos se acostumem melhor com a ideia de que para tudo deve existir uma rotina, um conjunto de normas e que essas sejam respeitadas para que se chegue num resultado.

Tendo em consideração que, a rotina das salas de aula, vem mostrando uma das maiores dificuldades encontradas por muitos professores no exercício das suas ações pedagógicas e que esta dificuldade se tornou um motivo de grande inquietação para as instituições escolares, para os profissionais da educação em um modo geral e país, sendo necessário o preparo deles para enfrentar tamanhas situações, tornando-se indispensável.

Os professores e todos os profissionais da educação não recebem da escola base e apoio para tratar uma infinidade de problemas que surgem a todo instante, por comodismo ou por acreditar que essas pessoas já estão totalmente preparadas para resolver qualquer situação que venha surgir.

É preciso haver por parte dos professores das séries iniciais, compromisso, empenho, dedicação, autodisciplina e perseverança para formar hábitos saudáveis nos seus educandos, conscientizando-os que os limites nos protegem e nos tornam mais fortes, dignos, serenos, educados e cidadãos respeitados, pois uma vez que passem a respeitar os limites do outro, adquirir-se-á também o respeito pelo seu limite, enquanto cidadão (VASCONCELOS, 2018, p. 15).

Um dos fatores que mais estimula a indisciplina, ou falta de consideração dos alunos a um professor é a incoerência entre o que o professor diz e o que ele faz, entre os valores que ele tenta transmitir aos alunos e os que fazem parte da sua vivência.

O papel do professor é deveras relevante, pois através dele, os problemas e conflitos na escola podem ser detectados antes de se tornarem casos de indisciplina. É por meio da família e da escola, que as crianças vão se adaptando e entrando pouco a pouco na sociedade. Onde é ensinado a maioria dos direitos e deveres morais e éticos necessários para viver em harmonia na comunidade em que se está introduzido.

La Taille (1995) afirma que a escola completa a socialização que começa no ambiente familiar, onde a criança tem o primeiro contato com o mundo das regras e dos valores. Um período que é de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças é a inserção na pré-escola, fase que a criança entende as obrigações e suas responsabilidades através de algumas conversas claras e precisa na relação com a família e no meio em que vive.

O principal objetivo da educação infantil é estimular o desenvolvimento de valores e de habilidades gerais da criança, como a inteligência, o domínio corporal e a capacidade de expressar seus pensamentos e sentimentos. Além disso, deveria incentivar a curiosidade para experimentar e testar hipóteses, de modo que o aluno seja preparado não somente para os desafios da escola, mas também para os da vida.

Na visão de Galvão (2004), a oferta de um espaço efetivo para brincar e para a expressão da gestualidade, bem como de conteúdos significativos e que desafiem o pensamento infantil, seriam objetos centrais da educação infantil.

Tal importância conduz à colocação de limites como parte do desenvolvimento e da educação da criança, pois se sabe que a infância é o período em que o indivíduo inicia o processo de internalização de valores, costumes e regras, os quais servirão de base para a sua formação (FRANCISCO, 2006)

3.1 Construindo limites e regras através de jogos e brincadeiras

O universo lúdico tem sido reconhecido como objeto de interesse científico, uma vez que se tem comprovado a eficácia da utilização do lúdico na contribuição do desenvolvimento infantil e na construção e/ou potencialização do conhecimento da criança. Segundo Ribeiro (2013), o lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano, e deste modo:

[...] O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância (RIBEIRO, 2013, p. 1).

A ludicidade é compreendida como uma atividade que, além de possibilitar o desenvolvimento integral do aprendente, estimula a interação entre os pares, promovendo a formação de um sujeito crítico e reflexivo. Segundo Vasconcelos et al. (2020) a atividade lúdica é de extrema importância uma vez que:

[...] Possibilita o desaparecimento da fronteira entre o trabalho que é obrigatório e exige esforços, e o divertimento, prazeroso e alegre levando os aprendentes a se envolverem, se arrisarem, se interessarem e aprenderem com satisfação, prazer e autoconfiança (VASCONCELOS et al. 2020, p. 48).

O aspecto lúdico torna-se importante instrumento na mediação do processo de aprendizagem, principalmente de crianças, pois elas vivem num universo de encantamento, fantasia e sonhos onde o faz de conta e realidade se mistura, favorecendo o uso do pensamento, a concentração, o desenvolvimento social, pessoal e cultural, facilitando o processo de construção do pensamento.

Muitos profissionais da educação comprometidos com a qualidade de sua prática pedagógica, reconhecem a importância do lúdico como veículo para o desenvolvimento social, intelectual e emocional de seus alunos. Para entender o universo da ludicidade é necessário compreender que ele envolve os jogos, os brinquedos e as brincadeiras.

O brincar é um comportamento que percorre séculos e independente da cultura ou classe social, faz parte da vida do ser humano onde todos conseqüentemente se divertem, aprendem, socializam, comunicam, trocam experiências, desafiam uns aos outros e se interagem.

Brincar é uma atividade que facilita o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico, estimula o desenvolvimento intelectual, possibilita as aprendizagens. O jogo para Kishimoto (2003) pode ser aceito como conseqüência de um sistema linguístico inserido num contexto social; um sistema de regras; e um objeto.

Com relação ao brinquedo Kishimoto (2003) afirma que é um suporte para a brincadeira. Já a brincadeira é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras de um jogo, ao mergulhar na ação lúdica, podendo se dizer que é o lúdico em ação.

No caso dos jogos de regras, contribui para o desenvolvimento infantil da criança, pois faz com que ela comece a se interessar pelas regras. Permite a relação entre ideia e pensamento, antecipa jogadas, planeja estratégias, utiliza o raciocínio

operatório. Trabalha acima de tudo, respeito e ética, pois apesar da estratégia, é necessário observar regras, esperar sua vez de jogar e lidar com o imprevisto, lidar com perdas e ganhos, são importantes para o desenvolvimento das estruturas cognitivas (KISHIMOTO, 2003). Nesse estágio o jogo provoca muitos conflitos internos, a necessidade de buscar saída, é desses conflitos que o pensamento sai enriquecido.

Deste modo, uma forma bem simples de ver e mostrar as crianças como elas devem estar se comportando, é o *jogo das cores*. A brincadeira consiste em um quadro de cores que determina o comportamento aceitável ou não das crianças. Sendo as cores verde, amarelo e vermelho, a cor verde mostra o comportamento que é aceitável que é correto, é a maneira que os pais e professores desejam que as crianças ajam tudo que a criança fizer desse quadro está correto e é permitido.

Já na cor amarela são algumas atitudes que são pouco inconvenientes, mas é tolerável por alguns motivos como a liberdade que a criança necessita e precisa ter, pois está aprendendo a conviver com determinadas situações. E por fim a mais importante para avaliação a vermelha que indica comportamentos intoleráveis em todas as circunstâncias, coisas que as crianças não devem fazer independentemente da situação, se encaixando nelas comportamentos ilegais, morais, antiéticos ou socialmente inaceitáveis.

As crianças sempre precisam saber sobre as consequências de quando se faz algo certo e quando se comete transgressões, que dependendo do seu comportamento eles podem receber elogios, atenção, privilégios e recompensas, ou até mesmo algum tipo de punição.

Outra forma simples é definir um local onde as crianças guardam seus brinquedos, lá elas podem brincar, mostrando que nesse local também tem regras, tem a hora de recolher a hora de realizar outras atividades, e a hora de limpar os brinquedos, de guarda-los no local que pegou, a criança precisa entender que mesmo sendo um ambiente de brincar ali também tem limites a serem obedecidos, a entender que todos os locais têm suas determinadas regras de funcionamento. E sempre que a criança mostrar resistência em atender essas exigências, deixar claro que se não for cumprido e não seguir as regras determinadas do seu ambiente de brincar no outro dia ela não irá brincar novamente naquele local. Segundo Vygotsky (1994),

A brincadeira tem um papel fundamental no desenvolvimento do próprio pensamento da criança. É por meio dela que a criança aprende a operar com o significado das coisas e dá um passo importante em direção ao pensamento conceitual que se baseia nos significados das coisas e não dos objetos. A criança não realiza a transformação de significados de uma hora para outra (VYGOTSKY, 1994, p.54).

Outra brincadeira que pode ajudar muito no processo é *quente ou frio*, onde uma criança é vendada e as demais precisam auxiliá-la a encontrar o objeto escondido, se os que estão vendo onde está a figura não relatarem corretamente a direção certa a seguir eles não poderão seguir com a brincadeira. Mostrando mais uma vez a necessidade de seguir as regras.

Por isso a necessidade constante dos pais e profissionais da educação de buscarem atividades lúdicas através do brincar, que desenvolvam as crianças seja por fala, gestos ou na construção de seu vocabulário. De acordo com Vasconcelos et al. (2020), nas atividades lúdicas, os aprendentes vivenciam, as experiências

completas do momento, associando ato, pensamento e sentimento, para além disto o brincar:

[...] Oferece-nos diferentes momentos e movimentos da ação subjetiva. O jogo espontâneo influencia o processo de aprendizagem uma vez que faz a criança utilizar sua inteligência de modo significativo, a estimula a investigar e explorar (VASCONCELOS et al. 2020, p. 49).

É perceptível a falta de atenção que é dada ao brincar; muitos adultos ainda acreditam que brincar é improdutivo, inútil e sem significado. Mas brincar é tão importante que é direito garantido por lei. Diante disso, é que nossas reflexões defendem que é possível a construção de regras e limites por meio do lúdico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios que tratam a educação, devem ser abordados com otimismo e determinação com o propósito de apoiar na formação de indivíduos equilibrados, capazes de cooperar e de partilhar. Ensinar limites é ensinar a respeitar o espaço do outro para que o outro possa respeitar o seu próprio espaço, e isso é algo que lhe será muito útil em sua vida adulta, no convívio familiar e no plano profissional.

Se uma criança aprende a ter limites, na família, desde os seus primeiros anos, estará preparada para o exercício pleno da cidadania, ou seja, vai começar a entender a importância de se respeitar, de respeitar os outros, de respeitar regras previamente estabelecidas e necessárias para a vida em comunidade.

Por meio dessas leituras podemos verificar que demonstrar o que é limites não é bater nos filhos, fazer com que as crianças realizem o que os pais pedem com autoridade, empurrando a lei do mais forte, do que pode mandar, deixando de compreender e atender as necessidades que os filhos têm, e sim mostrando outros meios, outros caminhos, outras possibilidades que auxiliem essas crianças a chegarem ao seu objetivo.

Um ponto chave para trabalhar essas dificuldades que assolam nossas crianças é tratar a falta de segurança dos pais e professores em estabelecer com clareza o que é certo e o que é errado o que é permitido ou não para as crianças desde o princípio, partindo de relações afetuosas, de ambientes estimulantes, de compreensão, de colaboração, sendo pacientes dispendo de tempo para auxiliar as crianças nesse processo.

É possível notar a culpa e as dúvidas que cercam os pais mães e os professores a respeito das dificuldades na educação e construção de limites na atualidade. Devido à entrada cada vez mais precoce das crianças nas escolas fica cada dia mais difícil separar os papéis que ambas devem desempenhar. O que dificulta ainda mais a construção dos limites.

Através dos jogos e brincadeiras observa-se grande desenvolvimento, a partir da manipulação de materiais variados, a criança passa a reconstruir a realidade que vive, reinventa coisas e objetos o que consiste num grande processo de assimilação e acomodação. Com isso, a criança através do brincar evolui internamente, transformando pouco a pouco esse processo em conhecimento, resultando num equilíbrio pessoal do mundo físico e social.

A brincadeira, como já dito, permite que a criança desenvolva a imaginação, afetividade, competências cognitivas e interativas, favorece a autoestima e oportuniza vivenciar diferentes papéis. Importante função do lúdico é a elaboração

de conflitos e ansiedades e a criança demonstra ativamente enquanto brinca o que sofre passivamente. Seus dilemas e formas de aprender a lidar com limites e regras podem ser enfrentados e trabalhados por pais e professores.

Ao aplicar o recurso lúdico o professor ou o psicopedagogo torna-se o mediador e exercendo papel fundamental, ativo e dinâmico no processo, levando os alunos a agirem, pensarem, sentirem, também de modo ativo e dinâmico, estimulando alcançar sua autonomia.

REFERÊNCIAS

ALMASAN, D. A. & ÁLVARO, A. L. T. **A importância do senso de limites para o desenvolvimento da criança**. Revista Científica de Psicologia, 2006.

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar**. Ilhéus, BA: Editus, 2006.

BORGES, M. L. S. F. **Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade**. Orientadora Maria Inês Baccarin. 2005. 148 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: [http:// clyde.dr. ufu.br/bitstream/ 123456789/ 17265/ 1/MBorges DISSPRT.pdf](http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/17265/1/MBorgesDISSPRT.pdf). Acesso em: 05 jun. 2021.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização Científica: uma possibilidade para a inclusão social**. Revista Brasileira de Educação, p. 89- 100, jan./abr, 2003.

COSTA, A. e COSTA N. **Limites e disciplina na relação pais e filhos**. Belém, UFPA, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização- Teria e prática da libertação ao pensamento de Paulo Freire**. Editora Centauro. São Paulo. 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 13a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Pais presentes, Pais Ausentes: regras e limites**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: ED. Vozes, 2008.

GUZZO, R. S. L. **A família e a educação: uma perspectiva da integração família-escola**. Estudos de Psicologia. Campinas, v. 7, n. 1, p. 134-139, 1990.

KISHIMOTO, T. M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

ME. **Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar**. Lisboa: Departamento da Educação Básica, 1997.

PAGGI, K., & GUARESCHI, P. **O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PIETRO, P.; JAEGER, F. **Agressividade na infância: análise psicanalítica**. Visão Global, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 217-238, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://unoesc.emnuvens.com.br/visaoglobal/article/view/503>. Acesso em: 06 jun. 2021.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

POLI, Cris. **Filhos Autônomos, Filhos Felizes**. Gente, 2006.

RIBEIRO, S. S. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância**. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Acesso em 10 de julho de 2021.

SHAFFER, D. R. (2005). **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

SILVA, S. F. P e Silva. **Regras e limites na formação da criança**. 2011. 72p.

SOUZA, D.; BENÍCIO, D. **O impacto da superproteção no desenvolvimento psicológico da criança**. Psicologia.pt - Portal do psicólogo, 2019. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1384.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

VASCONCELOS, T. C. (Org.). **Fundamentos e práticas psicopedagógicas na contemporaneidade**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020. p. 229.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: O desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo, 1994.

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que escrevo aqui os meus agradecimentos, em ter conseguido chegar até aqui, por ter passado por momentos tão difíceis e suportar as dificuldades desse caminhar nesses 5 anos.

Primeiramente a Deus, pela minha vida, e por segurar a minha mão me ajudando sempre a superar meus maiores medos e obstáculos, pelo seu incessante e imensurável amor por mim. Por ter me dado à companhia do Espírito Santo que iluminou meus caminhos me fazendo enxergar que tudo é passageiro. E a minha mãe Maria Santíssima que por muitas vezes me levantou e limpou minhas lágrimas de angústia. Obrigada Jesus por não me deixar fraquejar, por me sustentar e me trazer até aqui no fim desse curso.

Ao meu maior exemplo de vida, de mulher, minha mãe Silvânia verdadeiramente a maior mestra, a que sempre acreditou em mim, mesmo quando as circunstâncias mostravam o contrário ela manteve a fé, que nunca mediu esforços para me tornar o que sou hoje.

Agradeço ao meu pai Filomeno que do seu jeito brincalhão e protetor mostrou como a vida é leve e simples de viver, e por ter tanto amor por mim.

Ao meu esposo Artur que é meu alicerce, meu abrigo, meu conforto e amor de vida por tanta paciência e carinho, por ter caminhado e sonhado junto comigo, o qual sem ele não seria possível realizar.

A todos meus familiares e amigos que torceram por mim, que me incentivaram e motivaram a continuar.

As minhas amigas Waleska, Sandriely e Dayane presentes que a UEPB me deu, que carregarei por toda vida, que me fizeram rir e me deram a mão nos momentos de alegria e nas grandes dificuldades que passamos.

A minha querida orientadora Dra. Tatiana, por tanta atenção e carinho, por não ter deixado que eu desistisse nas horas de aflição, por tanto aprendizado e troca de experiências.

Agradeço a todos os professores que fazem parte da UEPB, que nos mostraram tanto conhecimento, que de uma forma ou de outra nos fizeram aprender, seja por conhecimentos teóricos ou por experiências de vida.

Por fim, a minha pequena filha minha maior expressão de amor, que mostrou que tudo é possível, que me trouxe o maior desafio que eu não poderia imaginar que teria.